

O Quarto Mandamento

João Calvino

**LEMBRA-TE DO DIA DE SÁBADO, PARA O SANTIFICAR. SEIS DIAS
TRABALHARÁS E FARÁS TODA A TUA OBRA.
MAS O SÉTIMO DIA É O SÁBADO DO SENHOR, TEU DEUS;
NÃO FARÁS NENHUM TRABALHO, NEM TU,
NEM O TEU FILHO, NEM A TUA FILHA, NEM O TEU SERVO,
NEM A TUA SERVA, NEM O TEU ANIMAL,
NEM O FORASTEIRO DAS TUAS PORTAS PARA DENTRO;
PORQUE, EM SEIS DIAS, ETC.**

A finalidade desse preceito é que, estando mortos para as nossas paixões e para as nossas obras, meditemos no reino de Deus e, nessa meditação, exerçamos as nossas atividades pelos meios ordenados por ele. Contudo, visto que há aqui uma consideração particular e distinta dos outros, este caso requer uma exposição um tanto diversa. Os antigos doutores costumavam chamar isso de sombra, porque continha a observação externa do dia, o que foi abolido com o advento de Cristo, como também as demais figuras. O que é verdade, mas isso só toca na questão parcialmente. Por isso, é preciso fazer a exposição numa perspectiva mais ampla, e considerar três causas, contidas nesse mandamento.

Porque, sob o repouso do sétimo dia, o Senhor quis figurar para o povo de Israel o repouso espiritual. É que os fiéis deviam descansar de suas obras, a fim de deixar que Deus trabalhasse neles. Em segundo lugar, ele quis estabelecer esse dia como um dia fixo no qual deveriam reunir-se para ouvir a Lei e realizar as suas cerimônias. Em terceiro lugar, Deus quis dar um dia de descanso aos servos e aos trabalhadores subordinados à autoridade de outros, para poderem ter algum alívio do seu labor.

Primazia do sentido espiritual do quarto mandamento

Em muitas passagens nos é revelado, porém, que a figura do repouso espiritual ocupa o lugar principal no preceito. Porque Deus jamais exigiu mais rigorosa obediência a algum preceito que a que exige a este. Quando ele quer mostrar, por seus profetas, que toda a religião foi destruída, ele se queixa de que o seu sábado foi profanado e violado, ou que não foi bem observado e não foi santificado. Como se, ao

negligenciarem esse ponto, nada mais restasse em que ele poderia receber honra. Por outro lado, ele engrandece extraordinariamente a observância do quarto mandamento, razão pela qual apreciavam acima de tudo o bem que Deus lhes tinha feito, um benefício deveras singular, revelando-lhes o sábado. Pois assim falam os levitas em Neemias: “O teu santo sábado lhes fizeste conhecer; preceitos, estatutos e lei, por intermédio de Moisés, teu servo, lhes mandaste”. Vemos como eles o tinham em singular estima, acima de todos os demais preceitos. O que tem a virtude de nos mostrar a dignidade e a excelência do sábado, o que também é claramente exposto por Moisés e por Ezequiel. Pois assim lemos em Êxodo: “Certamente guardareis os meus sábados; pois é sinal entre mim e vós nas vossas gerações; para que saibais que eu sou o Senhor, que vos santifica. Portanto, guardareis o sábado porque é santo para vós outros; aquele que o profanar morrerá; pois qualquer que nele fizer alguma obra será eliminado do meio do seu povo. Seis dias se trabalhará, porém o sétimo dia é o sábado do repouso solene, santo ao Senhor; qualquer que no dia do sábado fizer alguma obra morrerá. Pelo que os filhos de Israel guardarão o sábado, celebrando-o por aliança perpétua nas suas gerações”. Disso Ezequiel fala ainda mais amplamente, mas, em resumo, as suas palavras redundam no seguinte: “Também lhes dei os meus sábados, para servirem de sinal entre mim e eles, para que soubessem que eu sou o Senhor que os santifica”.

Ora, se a nossa santificação consiste na renúncia à nossa vontade própria, nisso já transparece a semelhança entre o sinal externo e a realidade interior. Precisamos repousar totalmente para que Deus trabalhe em nós, precisamos desistir da nossa vontade, resignar o nosso coração, renunciar e eliminar toda a cobiça da nossa carne. Enfim, precisamos parar com tudo o que procede do nosso entendimento, a fim de que, tendo Deus trabalhado em nós, estejamos em harmonia com ele. Como igualmente nos ensina o apóstolo. Aí está o que é representado em Israel pelo repouso do sétimo dia.

O exemplo do Criador

E para que fosse dada maior importância religiosa a essa prática, o Senhor confirmou essa ordem com o seu exemplo. Pois não é coisa que deve causar pequena emoção ao homem, ser ele ensinado a seguir o seu Criador. Se alguém quiser ver uma significação secreta no número sete, bem nos parece, porque na Escritura esse número significa perfeição, sentido bem escolhido por Deus para denotar perpetuidade. A isto se reporta o que vimos em Moisés. Porquanto, depois de nos haver dito que o Senhor descansou no sétimo dia, não acrescentou nenhum outro, para assim determinar o seu fim.

A esse respeito pode-se também fazer outra conjectura provável, a saber, que o Senhor, com esse número, quis dizer que o sábado dos fiéis não será realizado perfeitamente até o último dia. Pois aqui lhe damos início, e prosseguimos diariamente; mas, visto que ainda temos que lutar constantemente contra a carne, não se realizará, enquanto não se concretizar a palavra de Isaías, quando afirma que no reino de Deus haverá um sábado que durará eternamente, a saber, quando Deus for “tudo em todos”.

Poderia, pois, parecer que pelo sétimo dia o Senhor quis representar para o seu povo a perfeição do sábado que haverá no último dia, para levá-lo a aspirar a essa perfeição, mediante dedicada aplicação do seu espírito durante a presente vida. Se essa explicação parece muito sutil e alguém não a quiser aceitar, não me oponho a que se contente com outra mais simples. Segundo esta, o Senhor ordenou um dia pelo qual o povo fosse exercitado sob a pedagogia da Lei a meditar no repouso espiritual, que é sem fim. Neste sentido se pode dizer que o Senhor determinou, ou melhor, propiciou o sétimo dia, ou para incitar melhor o povo a observar esta cerimônia, oferecendo-lhe o seu exemplo, ou, antes, para lhe mostrar que o sábado não tinha outro fim que não este: conformar o seu povo ao seu Criador. Porque isso não tem importância, contanto que permaneça a significação do mistério, qual seja, que o povo fosse instruído no sentido de renunciar às suas obras. A essa consideração os profetas constrangiam constantemente os judeus, a fim de que eles não pensassem que estariam cumprindo satisfatoriamente o mandamento abstendo-se de trabalhos braçais ou físicos. Além das passagens já citadas, lê-se em Isaías: “Se desviares o pé de profanar o sábado e de cuidar dos teus próprios interesses no meu santo dia; se chamares ao sábado deleitoso e santo dia do Senhor, digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, não pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falando palavras vãs, então te deleitarás no Senhor” (ou “prosperarás em Deus”).

Cristo é o verdadeiro cumprimento do sábado

Ora, não há dúvida de que o elemento cerimonial do mandamento foi abolido pelo advento de Cristo. Razões disso: ele é a verdade, que, por sua presença, faz com que se desvançam todas as figuras; ele é o corpo, à vista do qual as sombras se dissipam; ele é, repito, o verdadeiro cumprimento do sábado. “Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida”. Por isso diz o apóstolo que o sábado “é sombra das coisas que haviam de vir” e que “o corpo é de Cristo”, quer dizer, a verdadeira e sólida substância da verdade, o que ele explica bem na citada passagem. Pois bem, essa realidade não se satisfaz com apenas um dia, mas exige toda

a duração da nossa vida, até que, estando nós totalmente mortos para o pecado, haja em nós a plenitude da verdade de Deus. Disso decorre que toda observância supersticiosa de dias esteja longe dos cristãos.

Todavia, à medida que as duas últimas causas citadas não devem ser colocadas entre as sombras antigas, pois convêm igualmente a todos os séculos, e embora o sábado seja revogado, não deixa de ter lugar entre nós, para que tenhamos alguns dias para reunir-nos para ouvir as pregações, para as orações públicas e para celebrar os sacramentos. Em segundo lugar, para dar algum alívio aos servidores e aos trabalhadores em geral.

Não há dúvida nenhuma de que o Senhor levou em conta essas duas causas quando ordenou o sábado. Quanto à primeira, tem suficiente aprovação pelo uso dos próprios judeus. A segunda é registrada por Moisés em Deuteronômio, com estas palavras: “Para que o teu servo e a tua serva descansem como tu; porque te lembrarás que foste servo na terra do Egito”; como também em Êxodo: “Para que descansem o teu boi, o teu jumento e a tua família”. Quem poderá afirmar que essas duas coisas só são apropriadas para os judeus? As assembleias eclesíásticas são-nos ordenadas pela Palavra de Deus, e a própria experiência nos mostra a necessidade que delas temos. Ora, se não fosse ordenado um dia, quando poderiam reunir-se? O apóstolo ensina que entre nós todas as coisas devem ser feitas com ordem e decência. Pois bem, é tão difícil que essa pureza e ordem seja mantida sem essa disciplina dos dias que sem isso logo nos veríamos mergulhados em extraordinárias dificuldades e confusões na igreja. Ora, se entre nós há a mesma necessidade que o Senhor quis sanar ordenando o sábado aos judeus, que ninguém alegue que essa lei não nos diz respeito. Porque é certo que Deus não quis suprir menos a nossa necessidade que a dos judeus.

Mas, dirá alguém, e se nos reuníssemos todos os dias, para eliminar a diferença? Bem que eu gostaria disso, e, de fato, a sabedoria espiritual merece que lhe seja destinada alguma hora de cada dia. Mas, se, por causa da fraqueza de muitos, não se pode conseguir que se reúnam diariamente, e a caridade não permite que os forcemos pelo constrangimento, por que não seguimos a razão que, como demonstramos, provém de Deus?

45. Observar o domingo é judaísmo?

Precisamos alongar-nos um pouco nesta questão, porque algumas mentes levianas se agitam demais hoje em dia por causa do domingo. Queixam-se de que o povo cristão continua preso a um tipo de judaísmo, visto que ainda retém alguma observância de dias.

A isso respondo que sem judaísmo observamos o domingo, uma vez que há uma grande diferença entre nós e os judeus. Porque não o guardamos como imposição de uma religião estreita, como uma cerimônia com a qual julgamos estar cumprindo um mistério espiritual, mas o usamos como um remédio necessário, a fim de manter a boa ordem na igreja. Mas, dizem eles, o apóstolo Paulo nega que os cristãos devam ser julgados pela guarda de dias, visto ser isso uma “sombra das cousas que haviam de vir”, e por essa causa teme haver trabalhado em vão entre os gálatas, visto que ainda guardavam dias. E, escrevendo aos romanos, ele afirma que fazer distinção entre dia e dia é superstição. Mas, qual é o homem que, tendo mente equilibrada, não vê de que tipo de guarda o apóstolo está falando? Porque não se tratava de observância com a finalidade que dissemos, de manter a disciplina e a ordem da igreja, mas, continuando a celebrar festas como sombras de realidades espirituais, obscureciam tanto a glória de Cristo como a clareza do Evangelho. Eles não deixavam de fazer os trabalhos braçais porque estes os impediam de parar para meditar na Palavra de Deus, mas, sim, para uma devoção insensata, uma vez que imaginavam que descansar era prestar culto a Deus, era servi-lo. É, pois, contra essa doutrina perversa que o apóstolo Paulo clama, e não contra a ordenança legítima, dada para manter a paz na comunidade dos cristãos. Porque as igrejas que ele fundou guardavam o sábado com esse uso. Paulo mostrou isso quando marcou para os coríntios o dia em que deveriam trazer as ofertas à igreja. Se tememos a superstição, muito mais devemos temer as festas judaicas que a celebração cristã do domingo. Por que, como foi bom deixar de lado o dia guardado pelos judeus para eliminar a superstição, foi necessário estabelecer em seu lugar outro dia, para manter a ordem, a disciplina e a paz na igreja. Não me prendo ao número sete para sujeitar a igreja a alguma servidão, pois não condeno as igrejas que adotam outros dias para as suas reuniões solenes, contanto que não tenha parte nisso nenhuma superstição; como não a tem quando se tem em vista unicamente a manutenção da disciplina.

Sumário

Em resumo, eis o que diz o preceito: A verdade foi demonstrada para os judeus por meio de figuras; a nós é exposta claramente, sem figuras, de modo que, primeiro, devemos meditar durante toda a nossa vida num descanso sabático perpétuo das nossas obras, para que Deus trabalhe em nós por seu Espírito. Em segundo lugar, devemos seguir a ordem legítima da igreja, estabelecida para ouvirmos a Palavra, para a celebração dos sacramentos, e para a oração como parte do culto. Em terceiro lugar, que não exerçamos nenhuma opressão sobre aqueles que estão sob a nossa autoridade.

Dessa forma serão destruídas as mentiras dos falsos doutores, que no passado impregnaram o povo com o conceito judaico, só fazendo esta diferença entre o sábado e o domingo: que o sétimo dia, que naquele tempo se guardava, fosse anulado, mas que não se deixasse de guardar um dia da semana. Ora, isso não seria nada mais que mudar o dia por despeito aos judeus, mantendo, todavia, a superstição que o apóstolo Paulo condena – que na observância dos dias há algum significado secreto, como acontecia no tempo do Antigo Testamento. E de fato vemos que efeito teve essa doutrina! Pois os que a seguem superam os judeus em seu conceito carnal sobre o sábado; tanto assim que as repreensões que lemos em Isaías cabem melhor a estes que àqueles que o profeta repreendeu no tempo dele.

Fonte: *As Institutas* – Edição Especial, João Calvino, Editora Cultura Cristã, pg. 191-96.